



HAL
open science

La vie de château d'un vaisselier : Roquevaire près Marseille, 1593

Henri Amouric, Lucy Vallauri

► **To cite this version:**

Henri Amouric, Lucy Vallauri. La vie de château d'un vaisselier : Roquevaire près Marseille, 1593. Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Silves, 22 a 27 .outubro 2012, Oct 2012, Silves, Portugal. pp.215-228. ⟨halshs-01309581⟩

HAL Id: halshs-01309581

<https://shs.hal.science/halshs-01309581v1>

Submitted on 30 Jan 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Não é bem como um texto escrito em belos caracteres góticos ou cúficos, contando a história de um milagre, registando um contrato encomendado pelo príncipe, ou denunciando a ameaça do reino vizinho. Não é como qualquer frase gravada na pedra ou pergaminho, que além de denunciar a sua origem de classe, porque necessariamente produzida no seio de uma elite, esconde sempre nas suas entrelinhas uma carga ideológica, quantas vezes indecifrável ou falaciosa. Ao contrário, os fragmentos de cerâmica arqueológica recolhidos numa camada estratigraficamente reconhecível, embora não pareça, são mais fiáveis, autorizando uma mais segura e escorreita informação histórica. Por vezes, quase sempre, são minúsculos ou mesmo insignificantes os fragmentos. Por vezes, quase sempre, nem sequer a forma é reconhecível e muito menos reconstituível. E no entanto a sua informação histórica é sempre preciosa. O simples perfil reclinado do lábio, a forma grácil de arquear a asa, aquela pincelada rápida de traço avermelhado ou a pequena mancha de esmalte melado são os indícios suficientes para reconstituir com verosimilhança a forma e a idade do jarro ou cântaro de água, e, com ele, alguns gestos de trabalho da camponesa que o usou e até, sem errar muito, o seu local de fabrico. Estes simples e informes fragmentos cerâmicos permitem aproximar-nos e mesmo compreender a história daqueles a quem nunca foi dado o direito de ter história, daqueles que nunca comandaram exércitos, que nunca decidiram da paz e da guerra, daqueles que nunca habitaram palácios ou castelos. À primeira vista a gramática ornamental destas bilhas e tigelas sistematiza línguas estranhas e aparentemente indecifráveis. E no entanto, os seus códigos, sem serem isotéricos, referem-se indirectamente a espaços culturais, a zonas de influência que ao longo dos séculos marcaram o Mediterrâneo, na sua fantástica diversidade. As referências mais antigas, ainda relacionadas com os entrançados romboidais da cestaria e da tecelagem, denunciam origens neolíticas e sobretudo permanências das sociedades nómadas dos tuaregues, rifenhos e pastores ibéricos. Na linguagem vegetalista com referências orientalizantes e sobretudo no que se refere à enorme e variada simbologia da Flor de Lotus de época califal, destaca-se, como é natural, a memória dos jardins e vergéis do Nilo, da Mesopotâmia e mesmo da Índia e da China. Nos encadeados de volutas de gavinhas com folhas de videira, sentimos ainda perene a longínqua referência das festas dionisíacas e báquicas da cultura greco-romana a que a Pérsia islamizada esbateu ou anulou o cacho de uva, transformando-o em inofensiva pinha. Esta linguagem cifrada, estas referências decorativas, são sinais de civilização, são marcas indelévels que identificam formas de pensar, zonas de fabrico, caminhos de intercâmbio, que permitem folhear com segurança as páginas da história.

O Presidente do Campo Arqueológico de Mértola
Cláudio Torres

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÂMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÂMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÂMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR N° 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS N^o 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYPOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^a TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

102. "TRAÇOS MOURISCOS" NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA
(MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924

IRYNA TESLENKO

103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES

104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593

Résumé: Un riche matériel issu de fouilles anciennes hors contextes stratifiés vient d'intégrer les collections publiques provençales. Cet instrumentum domestique a été scellé définitivement en 1593 par l'incendie d'un château. 400 céramiques offrent ainsi un instantané de consommation dans une résidence aristocratique de l'arrière pays marseillais. Les objets, bien qu'altérés par le feu, fournissent un référentiel sans équivalent, par la diversité de leurs origines, d'un vaisselier de la Renaissance. Ce dernier atteste d'approvisionnements régionaux, avec une nette prédominance de Fréjus et d'importations plus lointaines où Pise et Montelupo dominent, suivies par la Ligurie et de façon anecdotique par Valence et la Catalogne. Cette collection est pour la Provence du XVI^e s. un observatoire unique, qui comble une lacune importante en l'absence de séries équivalentes à Marseille. Elle confirme ce que les textes, les fouilles sous-marines et d'ateliers indiquent de certaines positions dominantes.

Abstract: A rich archaeological material brought to light by ancient excavations out of context but stratified though has been integrated recently into the State Collections of Provence. This domestic instrumentum has been definitely celled in 1593 by the fire of a castle. Hence, four hundred ceramics offer an instant of consumption in an aristocratic residence in Marseilles' hinterland. The artifacts damaged though by fire provide an incomparable reference because of the diversity of their provenances, of a Renaissance's 'vaisselier'. The latter testifies of regional deliveries mainly from Fréjus and far away imports as well, e.g. from Pisa and Montelupo on the one hand and from Liguria, Valencia and Catalonia on the other hand. This very collection constitutes a 16th century unicum observatory from Provence which fills a dramatic lacuna, for not any equivalent series are known in Marseilles. Also, it eyewitnesses what texts, underwater excavations and work shops revealed with regard to dominant positions.

HISTOIRE D'UNE COLLECTION

Quelques pièces, issues d'un important lot de matériel, provenant de fouilles anciennes réalisées sans protocole bien défini, avaient déjà fait l'objet de publications partielles par les auteurs. Cet assemblage de vaisselles bien conservées, provenant d'un château incendié dans l'arrière pays marseillais, à Roquevaire dans la vallée de l'Huveaune, avait retenu l'attention par sa qualité exceptionnelle, son homogénéité chronologique, et les associations de productions d'origine régionale, italique et espagnole (Amouric, Richez, Vallauri, 1999: 59, 61, fig. 115, 123 ; Amouric, Vallauri, 2002: 40-42, fig. 11-19). La quasi-totalité des artefacts a intégré récemment les collections publiques provençales. Ils constituent à ce jour un observatoire privilégié pour l'époque Renaissance, mal documentée dans les niveaux archéologiques marseillais (Abel, Amouric, 1993: 45 ; Abel, 2014). Quoique provenant de contextes non stratifiés, cet instrumentum domestique très complet, regroupe plusieurs centaines d'objets en céramique, parmi une foule d'artefacts en métal, pierre, os, et verre. Il donne un instantané de consommation et d'usage dans une résidence aristocratique située à quelques dizaines de kilomètres du grand port phocéen, alors en pleine expansion (Fig. 1 n°1). Il a été scellé par un incendie intervenu en 1593 au cours des guerres de religion dont le château ne s'est pas relevé et dont la chronique de Provence de Caesar de Nostradamus relate la brutalité. Des pans du rempart au sommet du rocher dominant la vallée de l'Huveaune sont les seuls vestiges qui subsistent après le démantèlement du bâtiment ordonné par le Duc de Guise en 1596. Cette seigneurie a été pendant 200 ans tenue par les puissants abbés de Saint-Victor et ce n'est qu'en 1563 qu'elle fut mise en vente par l'abbé commendataire et acquise par Sébastien de Cabre, fils d'un riche négociant, échevin de Marseille.

Mais face à l'opposition des syndics et de la communauté de Roquevaire, l'aliénation ne devint définitive qu'en 1581, sous le règne d'Henri III. Julien de Médicis, qui possédait alors Saint-Victor en commende, remit définitivement Roquevaire à Louis de Cabre, écuyer à Marseille (Albanès, 1881 ; Ganet, 1977).

L'origine de cette famille de riches négociants, mérite que l'on s'y attarde, car elle explique certainement le gout ostentatoire dont témoigne leur domaine de Roquevaire dans le droit-fil de celui qu'affichait leur célèbre demeure marseillaise encore visible aujourd'hui. C'est en effet à Louis I de Cabre, 3^e consul de Marseille en 1535, qu'est attribuée la construction d'un élégant hôtel particulier, symbole indéniable de sa réussite sociale. Cette maison est aujourd'hui le plus ancien édifice de la Renaissance conservé dans la ville. Construit en 1535, au croisement de la Grand'Rue et de la rue de la Bonneterie, en bordure du port, ce bâtiment, mélange d'archaïsme médiéval et de Renaissance, aux fenêtres à meneaux encadrées de fines colonnettes est richement orné par diverses figurines, bustes d'Adam et Eve, amours et têtes de chérubins, des portraits des propriétaires, homme à la barbe et femme coiffée ainsi que de l'écu des Cabre porté par deux salamandres (Busquet, Isnard, 1951). La réalisation, synthèse d'un art finissant et de modèles esthétiques nouveaux, est caractéristique par sa richesse décorative d'une volonté d'affirmation et de démonstration d'une bourgeoisie enrichie par le commerce maritime, sur le chemin d'une irrésistible ascension sociale dont le couronnement est l'anoblissement. Ce dernier passe bien évidemment à l'époque par l'acquisition d'une seigneurie foncière, d'un fief, de ce que l'on appela par la suite « une savonnette à vilain », ici en l'occurrence, Roquevaire. C'est donc aussi à la lumière de cet arrière-plan social que l'on doit apprécier la composition du mobilier qui nous est parvenu.

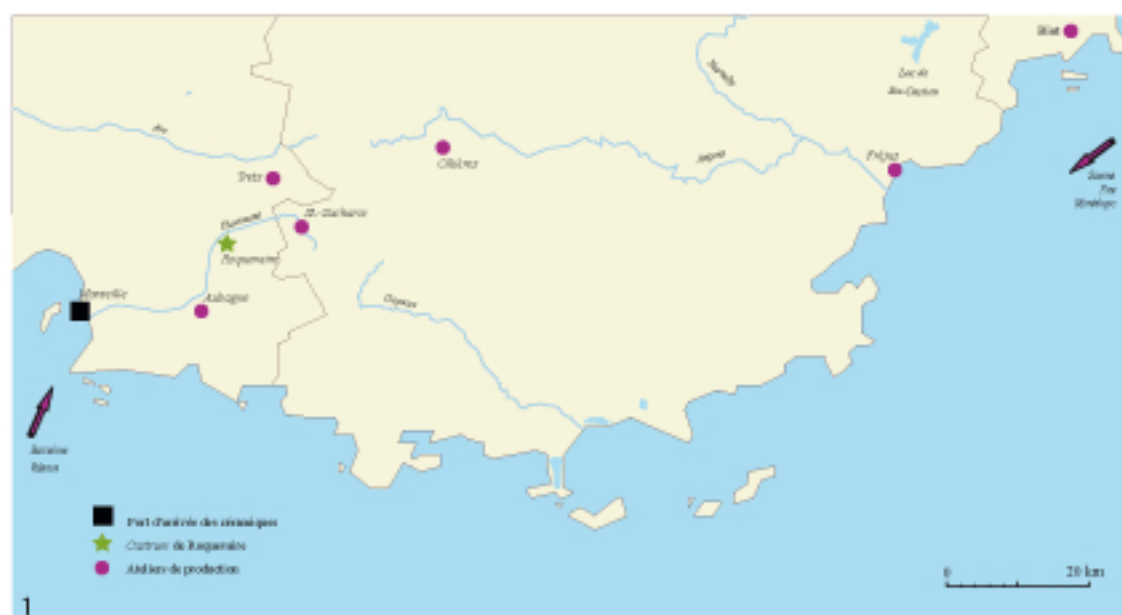


Fig.1 1, approvisionnement du château de Roquevaire ; 2, vaisselles de l'arrière pays ; 3, culinaire d'Ollières ; 4, vaisselles de Fréjus ; 5 et 6, vaisselles importées d'Italie et d'Espagne (Cl. LA3M).

LE VAISSELIER DE LOUIS II DE CABRE

Les objets, généralement entiers, bien qu'altérés et distordus par le feu ou par de mauvaises restaurations, ainsi que la diversité des origines attestées, fournissent un catalogue très complet d'un vaisselier en Provence littorale dont la durée de vie fut courte, soit une vingtaine d'années si l'on admet que la prise de possession de 1563 fut effective et une douzaine seulement si l'on se réfère à la remise définitive de la seigneurie en 1581. De fait, 90% des artefacts sont contemporains, mais, quelques pièces tels que les pots d'apothicairerie pouvaient faire partie de l'héritage de la pharmacie des religieux, et les jarres, considérées peu ou prou comme des biens immeubles, de la seigneurie monastique.

400 NMI (nombre minimum d'individus) reconnus et bien identifiés par type et provenance permettent d'évaluer la part nettement dominante de l'approvisionnement régional (67%) face aux importations plus lointaines au sein desquelles l'Italie se taille la part du lion (28,4%), suivie de façon plus anecdotique par l'Espagne (4,6%).

LE VAISSELIER RÉGIONAL

Les terres vernissées régionales, soit 266 NMI, regroupent diverses productions, parfois bien connues ou, à l'inverse totalement méconnues. Une centaine de pièces provient vraisemblablement des ateliers les plus proches, implantés à cette époque dans la haute vallée de l'Huveaune, dans le val de l'Arc et le bassin de Saint-Maximin.

Un lot très homogène se distingue par son argile calcaire rose micacée et plus particulièrement par des formes et décors exceptionnels réalisés à l'engobe (Fig. 1 n°2). La diffusion de cette catégorie a été révélée dans un contexte de la fin du XVI^e siècle de la verrerie de Roquefeuille, située entre la vallée de l'Huveaune et le Val de l'Arc, à proximité de Trets et de Pourcieux, ainsi que dans le village de Jouques et plus récemment dans les fouilles aixoises (Foy, Vallauri, 1991 ; Guionova, 2015). Ce service de table, engobé sous glaçure plombifère transparente, à dominante rouge, est animé de motifs d'engobe peints au barolet en blanc qui se retrouvent sur différents objets (Amouric, Vallauri, Vayssettes 2009: 219 n° 2, 309 n° 3-5, 314 n° 1 et 2). Les plus insolites, de technique mixte, sont anthropomorphes. Ils concernent des « utilités » de table en tronc de cône, composées d'étranges personnages modelés et assemblés au tour (Fig. 2 n°1 et 2). Ils sont munis au dos d'un porte chandelle tandis que, sur le devant, une coupelle montée sur trompe, destinée à présenter du sel ou des épices, est soutenue par les bras des figurines. Les cinq salières dénombrées sont toutes de différents modèles et animées dans deux cas par un réseau en chevrons et lignes pointés d'engobe blanc sur fond rouge, dans un cas de glaçure verte ou jaune vif uniforme sur le buste ou sur le tronc. Toutes représentent des femmes au visage assez fruste, revêtues d'un costume renaissant. Leur décolleté est couvert d'une gorgerette de tissu léger et d'un col montant, bordé d'un ruché. La robe qui descend jusqu'à la base tronconique n'est pas détaillée à l'exception des manches gaufrées. L'une des femmes est coiffée d'un chaperon.

Un tenon de couvercle, uniquement vernissé, est quant à lui formé par le buste d'une femme coiffée, au décolleté généreux, dont les bras reposent sur un jupon plissé (Fig. 1 n°2). Ces petits récipients de table, fort malhabilement modelés, n'ont aucun équivalent dans les répertoires méditerranéens et renvoient à une ambiance plus septentrionale telle que celle des Flandres et de l'Artois.

Le raffinement de la table seigneuriale, qui se devait de conserver les aliments au chaud, est aussi illustré par une série de six réchauds (Fig. 2 n°3). Ces récipients, très en vogue dans toute la France à cette époque, reposent sur un pied tronconique portant une calotte carénée et ansée de chaque côté. Sur le pourtour, trois boutons permettaient de poser une assiette creuse ou une coupe pour réchauffer les mets, au contact des braises réparties autour d'un bouton central favorisant la ventilation. On peut leur associer huit coupes ou assiettes creuses. Les motifs géométriques en rayons, festons, chevrons, épis, points, ocelles ou quadrillage relèvent de la même esthétique, simple mais attrayante (Fig.1 n°2).

La lumière, déjà combinée aux salières, était apportée par une vingtaine de bougeoirs tubulaires au binet percé d'un trou pour extraire le talon de la bougie (Fig.2 n°5-8). Les formes simples et baguées, copiant le métal, reposent sur des pieds hauts coniques ou de simples disques plats. Certains sont unis en rouge et dans un cas en vert mais le plus souvent ravivés de coulures d'engobe clair sur fond rouge et dans un cas vert. Cet exceptionnel ensemble d'éclairage est d'autre part doublé par des lampes à huile en métal, « calen », suspendus dans les pièces.

Ce groupe à décor d'engobe blanc sur fond rouge ou exceptionnellement vert est complété par des vases à liquide aux profils tout aussi variés. On dénombre cinq pichets ventrus à goulot court et bec tubulaire ou encore cinq cruches munies d'une anse de panier (Fig. 1 n°2). Trois pots à deux anses, à petit col à gorge resserrée favorisant la pose d'une ligature étaient destinés à conserver des produits. Deux sont hauts et cylindriques, un globulaire et bas (Fig.2 n°9 ; Fig. 1 n°2). Leur décor géométrique très couvrant en fait des pots de montre pour la conservation de confiture ou de denrées précieuses. Une rare aiguière sur pied tronconique a la particularité de comporter sur le col un masque féminin appliqué à l'opposé de l'anse sous le bec verseur (Fig. 2 n°4). Enfin trois pichets trompeurs aux quadruple becs et autant d'anses en alternance évoquent les jeux de société universels en fin de repas, curiosité que décrit Cipriano Piccolpasso en 1540 dans ses « *Tre libri dell'arte del vasaio* » (Amouric, Vallauri, Vayssettes, 2008: 54 n°5, 176 n°3).

Toutes ces pièces sont issues d'un même atelier et ont été réalisées à l'évidence par un potier venu de France, selon des exemples connus par les sources écrites à Moustiers, Apt, ou plus près à Trets où Jehan de Tarmier est cité en 1556. Mais dans la même aire géographique, bien d'autres centres constituent des candidats potentiels à Saint-Maximin notamment ; cependant la question de l'origine des modèles



Fig.2 productions de l'arrière pays marseillais : 1 et 2, salières ; 3, réchauds ; 4, pichet ; 5-8, luminaire ; 9, pot à conserve (Dessins E. Bailly, L. Vallauri, CL LAM).

décoratifs est à ce jour sans réponse régionale convaincante.

En revanche la diversité est patente quand l'on considère la vaisselle du quotidien sans décor, laquelle relève de plusieurs mains comme le montre la série des 12 bols hémisphériques et des coupelles (Fig. 3 n°1-3). Ils sont tous différents par la forme du pied concave, plan, épais ou tournassé. D'autre part, ils ont été exécutés dans différentes argiles, rouge ou claire, parfois plus grossière engobée ou simplement vernissée en brun, jaune parfois moucheté de vert.

D'autres récipients en argile fine pour la préparation des repas ou des vases à liquide et une jarre ne portent aucun revêtement tout comme deux cruches à anses de panier dont la glaçure ne couvre que le bec verseur (Fig.3 n°4). Parmi les vases à usage spécifique, au titre de l'hygiène, figurent trois pots de chambre, à une ou deux anses (Fig. 3 n°5). Un *albarello* vernis en vert évoque l'apothicairerie, tandis qu'un rare et large alambic muni de son chapiteau en terre réfractaire vernissée devait servir à la distillation des eaux de fleurs (Fig. 3 n°6) (Amouric, Vallauri, Vayssettes, 2009: 288 n°4).

La batterie de cuisine était en partie en métal comme en atteste la conservation d'un grand chaudron de cuivre pour suspendre dans l'âtre. Trois marmites sont faites d'une terre réfractaire rouge glaçurée. Deux à cols droits dans la tradition médiévale pourraient être une production tardive d'Ollières dans le Var dont les sources écrites nous disent le prolongement dans la deuxième moitié du XVI^e siècle. Une autre, plus archaïque et sans glaçure, à paroi épaisse, fond bombé, bord déversé et deux larges anses rubanées, porte un décor d'arceaux imprimés à la molette (Fig.3 n°7). Rougie par le feu, elle pourrait s'apparenter au groupe de couleur gris foncé en post-cuisson réductrice, bien reconnu dans les contextes de la fin du XVI^e siècle et du début du XVII^e siècle à Marseille, dont on suit la diffusion depuis la côte orientale, en Languedoc et dans la vallée du Rhône (Pelletier, Vallauri, 2009: fig. 9 ; Abel, 2014: 136 n°8). Six pots à anses, assortis de couvercles à collerette de différentes tailles, parfois percés d'un trou, évoquent l'argile kaolinitique ferrugineuse des ateliers d'Ollières ou de Saint-Maximin (Fig. 1 n°3 et Fig. 3 n°8-10). L'un de ces petits *pégasus*, contenait encore des graines carbonisées. Une longue lèchefrite munie de deux queues et becs verseurs pour recueillir les sucs sous les rôtis (Fig. 3 n°11) et un gros pot globulaire pour griller les châtaignes (Fig. 3 n°12) complètent *l'instrumentum* de la cuisine du château (Amouric, Vallauri, Vayssettes, 2009: 38 n° 6, 49 n°4, 178 n°1, 182 n°2).

Le service le mieux représenté -160- pièces est originaire des ateliers de Fréjus, principal centre producteur et fournisseur de Marseille de l'époque qui commercialisait des produits attrayants, que l'on qualifierait aujourd'hui de milieu de gamme, engobés sous glaçure. Son rôle majeur est bien reconnu par les archives, en particulier le Compte de la Foraine de 1543 qui relate 9 entrées de bateaux transportant des terrailles en grande quantité soit 45000 pièces dont les découvertes subaquatiques et terrestres confirment la

prééminence (Amouric, Richez, Vallauri, 1999: 67-71). Ces ateliers qui ont pour avantage principal dans le marché du temps d'être implantés « sur l'eau », en zone littorale, ont été récemment mis au jour par l'archéologie dans le quartier extra-muros situé près de la Porte Saint-Joseph de l'antique *Forum Julii*. Les dépotoirs des fours ont permis de préciser les typologies déjà établies à partir des sites de consommation et d'élargir le panel des productions en matière de gros contenants et de céramique architecturale (Amouric, Vallauri, 2007). Le service ordinaire en argile calcaire regroupe pour l'essentiel des vaisselles de table monochromes colorées en brun ou jaune et exceptionnellement en vert (Fig. 1 n°4). Les bols carénés sur fond plat (66 NMI) et les écuelles à oreilles (19 NMI), pour les portions individuelles sont les plus nombreux et composent plus de la moitié de cet ensemble. Ils sont suivis par des coupes creuses à marli ou à bord caréné qui reposent sur des fonds annulaires ou plats, déclinés en plusieurs tailles.

Dans ce répertoire classique, déjà bien documenté par les fouilles, on note toutefois l'absence de pichets à décor d'engobe, produits en quantité dans les officines fréjoulennes mais qui ne figuraient pas sur la table seigneuriale de Roquevaire. S'y ajoutent quatre vases de nuit de deux dimensions, un albarello monochrome brun jaune et de grandes jarres de stockage pour l'huile, l'eau ou des denrées.

La resserre du château n'en comptait pas moins d'une douzaine, à gros col en bourrelet, couvert de glaçure jaune ou verdâtre. Ces dernières étaient toutes marquées profondément par une ou plusieurs larges estampilles accolées ou disposées sur deux ou trois rangées, de 5 à 7 cm de diamètre, certaines parfois énigmatiques La marque A V entrelacés dans un blason aux contours chantournés et P ou D F, de part et d'autre, correspond à un modèle récurrent dans les collections patrimoniales (Fig. 4 n°1). Celui-ci a été retrouvé dans les fouilles des fours datés du début du XVI^e siècle. D'autres, au monogramme I.S dans un blason fleurdelisé (fig. 4 n°2), à la fleur de lys ou au blason à trois fleurs de lys (Fig. 4 n°3 et 4), sont associés à des noms de potiers comme MESTRE JAUME GAYET ou I(HOAN) PAN(ISO) (Amouric, Vallauri, 2005: 44-63). Sur un épais col, percé de petits trous à l'emporte pièce pour fixer un filtre ou un couvercle, un tampon figure le profil d'un homme de la Renaissance, au visage barbu engoncé dans une collerette, le chef couvert d'un chapeau à plume, encadré de deux initiales (S?) et C (Fig.4 n°5). Cette marque, imagée et réaliste est plus étonnante et sans référence comparable actuellement. Il en est de même pour un motif quadrilobé et enrubanné placé au centre d'un cercle hachuré, bordé de deux initiales B ou D et R (Fig. 4 n°6). Cette représentation soignée pourrait correspondre à deux grandes lettres entrelacées, soit le monogramme d'un potier ou du commanditaire. La plus petite estampille de 4 cm de diamètre, à la croix et AC inversé, pour Claude Accaron, pourrait être la plus récente (Fig.4 n°7). Un dernier large tampon de 6,5 cm, imprimé sous une glaçure verte et sur une pâte plus claire, est en revanche au nom de Biot écrit en toutes lettres sous une fleur



Fig.3 productions de l'arrière pays marseillais : 1 et 2, écuelles ; 3, coupelle ; 4, cruche ; 5, pot de chambre ; 6, alambic ; 7, marmite ; 8-10, couvercles ; 11, lèche-frîte ; 12 pot à châtaigne (Dessins E. Bailly, Cl. LA3M).

de lys (Fig. 4 n°8). Il renvoie au célèbre centre contemporain et concurrent en matière de fabrication de gros contenant qui devint par la suite un des plus importants fournisseurs de la Méditerranée et des colonies françaises.

LE VAISSELIER IMPORTÉ D'ITALIE : LES COULEURS DE LA RENAISSANCE

Les importations italiennes constituent la part la plus luxueuse des artefacts céramiques tant par la qualité des pièces que par la richesse presque infinie des décors et des formes. Elles se comptent en grand nombre soit un minimum de 112 individus qui concernent essentiellement la table et dont l'approvisionnement se partage entre Pise, Montelupo, Faenza et la Ligurie (fig. 1 n°5 et 6).

Un premier service qui ressort du milieu de gamme provient des ateliers pisans qui se taillent la part du lion. Si leur diffusion par mer est bien attestée par les découvertes d'épaves coulées avec leurs cargaisons, en Corse dans la première moitié du XVIIe siècle, les attestations plus anciennes sont rares dans les contextes maritimes ou terrestres provençaux du XVIe siècle (Amouric, Richez, Vallauri, 1999: 64-66, 80-86). Ici, une cinquantaine de pièces offre l'éventail le plus complet de décors et de formes réunis à ce jour en Provence (Fig. 5 n°1-9). L'ensemble est caractérisé par son argile rouge brique, recouverte à l'intérieur seulement d'engobe et de glaçure colorée. Si l'on constate une nette prédominance des tonalités jaunes, miel et brun, la glaçure verte est bien représentée et contraste avec le service de Fréjus plus uniforme et sans ornement. Ici, l'animation est créée par motifs profonds, creusés à la gouge ressortant en teinte sombre. Cette technique particulière d'enlèvement « *a stecca* », qui se déploie sur toute la surface interne des formes ouvertes est toute de virtuosité. Elle reflète différentes mains, sans doute divers ateliers de la ville, la dextérité des artisans et dans bien des cas leur rapidité d'exécution. Les bols et les coupelles basses pour les portions individuelles, les coupes à marli, les plats de service creux reposent sur des fonds concaves réalisés au tournage sur un mandrin. Les profils font partie du répertoire classique codifié à Pise (Berti, 1997 et 2005) mais ces formes ouvertes révèlent cependant des variantes dans les associations de motifs récurrents ou inédits¹. Les bordures sont dans tous les cas soulignées par plusieurs filets incisés ou remplis de barrettes. Ils encadrent, au sein de registres ou plus librement, des séries d'enlèvements curvilignes ou rectilignes tandis que des « *scalari* », arcs de cercles superposés ou motifs en S rayonnant, tourbillonnent dans un médaillon central (fig. 5 n°6-8). Les combinaisons infinies échappent à toute tentative de classification, malgré l'ouvrage de référence de Graziella Berti si bien documenté. On observe en particulier sur une coupe à large marli, un étrange motif de « *scalari* » superposés en pyramide d'où s'échappent trois rubans évoquant une coiffe (Fig. 5 n°9). Sur une autre, quatre « *scalari* » placés au centre sont organisés en croix (Fig. 5 n°5).

Deux coupes à large marli, engobées et incisées sous glaçure, relèvent d'une toute autre ambiance. La première,

engobée à l'intérieur et vernie à l'extérieur, porte un décor de « *piumaggio scalfito* » gratté sur un fond jaune clair, avec un blason central rehaussé de vert de cuivre et entouré par un ruban en enroulement complexe (Fig. 5 n°10). Cette technique en fort relief renvoie à des productions de Montelupo, datées par des biscuits entre 1550-1580 (Berti 1998:158-159, 318-320, classe B, *genere 12b*). La seconde, au médaillon indéterminé (blason ?), est bordée d'incisions informelles rehaussées de fortes coulures de cuivre dans le style vénéto-padan « *graffita Rinascimentale e tarda* » (Fig. 5 n°11) (Ericani, Marini, 1990: 109-176).

Le service en faïence « *a berettino* », peint en bleu foncé sur un fond d'émail bleu clair qui couvre intégralement la pièce, provient des ateliers ligures de Savone et de Gênes (Fig. 5 n°12-15). Il se réduit à 13 individus de différentes formes et usages. Ce groupe comprend trois larges coupes creuses à décor de « *quartieri* » entourant un médaillon central avec une rosace et un *putto* joufflu dans un autre cas dont le revers émaillé est couvert d'arceaux (Fig. 5 n°15). D'autres coupes creuses, une coupelle et un couvercle sont en revanche dans le style « *calligrafico a volute* » type C (Fig. 5 n°13). Un dernier plat à large marli, rappelle les belles séries en bleu turquoise de l'épave du Rocciu en Corse, avec un décor de guirlandes et fleurs plus soignées « *a volute* » type B (Fig. 5 n°12) (Amouric, Vallauri 1999: 64, fig. 137-140). Dans cette même catégorie trois petits *albarelli* sont couverts de motifs foliacés et floraux plus épars et de qualité moindre (Fig. 5 n°14). Ces séries ont été largement diffusées dans toute l'Europe, l'Amérique et le bassin méditerranéen comme celles récemment découvertes à Barcelone (Beltrán de Heredia, Miro i Alaix, 2010 ; Beltrán de Heredia, 2012).

Mais de somptueuses réalisations en faïence polychrome sont plus vraisemblablement issues de grands centres de l'aire florentine ou de l'Ombrie (Fig. 1 n°5). C'est le cas d'un bénitier de 30 cm de haut, à l'effigie de Saint-Paul, exceptionnel par sa taille comme par la finesse de la représentation de l'apôtre, tenant l'épée d'une main et le livre de l'autre dans un encadrement bien architecturé (Fig. 1 n°6). Il avait été attribué à Deruta selon un exemple trouvé à Rome dans les fouilles de la Crypta Balbi (Ricci, 1985: 397, fig. I, 25). Mais la ressemblance avec les représentations religieuses peintes sur fond jaune, sur les vases de pharmacies de Montelupo sont troublantes (Berti, 2010: 276, 289-298). Ce rare objet de piété individuel trouvait sans doute sa place dans la chambre du seigneur ou dans la chapelle.

Le luxe toujours, mais sur la table cette fois, est illustré par trois salières montées sur pied. L'une ovale, brûlée au centre est associée à un pied rectangulaire au corps godronné et la cuvette de la seconde est circulaire (Fig. 6 n° 2). Les seuls ornements lisibles sur leur pourtour, peints en bleu et jaune sur un large fond blanc, appartiennent au style « *a compendiaro* ». Une autre circulaire, pouvait être montée sur un pied tripode entouré de filets bleu et brun (Fig. 6 n°1 et 3). Sa coupelle est couverte de motifs foliacés et d'une rosette centrée en jaune, orange et vert sur fond bleu. De telles réalisations sont attestées dans les dépotoirs d'ateliers de Faenza en Emilie-Romagne, tout comme le fond d'une coupe sur pied au décor bleu et jaune représentant un *putto*



FigA 1-7, jarres aux tampons de Fréjus, 8, de Biot (Cl. LA3M).

ailé assis sur un meuble bas (Fig. 6 n°4) (Bojani, 1977: 130-132, fig.27 n°394, fig. 28 n° 432, fig. 29 n°433).

Mais l'ensemble le plus remarquable par sa diversité est, sans conteste, celui issu des ateliers du Val d'Arno (Vannini, 1977). 45 formes révèlent toutes les différentes familles décoratives réalisées dans les officines de Montelupo, dans une chronologie comprise entre 1530-1590 selon les modèles dans la classification de Fausto Berti, à l'exception de quelques archétypes plus anciens. Ces pièces très décorées appartiennent en priorité au service de table (Fig. 6 n°6-12 et Fig. 7 n°1). Une coupe sur pied, d'autres à bord déversé, à marli, de grands plats creux sont assortis de coupelles tronconiques à fond plat et combinent les motifs dans des variantes de compositions et de polychromie tandis que leur revers est systématiquement cerclé de filets en brun de manganèse ou en bleu (Berti, 1998: types IP, IG, IF, IC, IA, IN).

Un bord de coupe « *crepina* », godronné et peint « *a quartieri* » en polychromie sur les deux faces, est à rapprocher des productions « *genere 52* » (Fig. 6 n°5) (Berti, 1998 : 351-356 n°252-264). Un *putto* peint en bleu, jaune et brun sur fond blanc pourrait appartenir à un médaillon central d'une pièce non identifiée (Fig. 6 n°10). « *La famiglia blu* », regroupe des grands plats et coupes sur lesquels s'étalent des feuilles bipartites « *genere 58* » (Fig. 1 n°5), des motifs végétaux (Fig. 6 n°7) ou encore une coupelle à marli « *a compendiaro* » (Berti, 1998: 369 n°297, 306 n° 151-153, 332 n° 214). Un bol à bord biseauté au décor bleu « *genere 10* » renvoie à un style daté entre 1480-1490. Il en est de même pour un grand plat « *a foglia di prezzemolo* » (Fig. 6 n°6) ainsi qu'un *albarello* et une cruche « *a penna di pavone* » « *genere 20* » (Fig.1 n°5), ou des « *ovali e rombi* » e « *nastri* » « *genere 26 et 53* » qui restent dans la tradition de la première décennie du 16^e siècle. Ces motifs récurrents ont eu cependant une longue vie et se poursuivent sans interruption jusqu'en 1590-1610 (Berti, 1998: 245 n°25-28, 265-267,302, 319-324, 357, 358). La dégénérescence des motifs de la Renaissance est aussi exprimée par le « *nodo orientale evoluto* » « *genere 56* » (Fig. 1 n°5) (Berti, 1998: 364 n°284) On retrouve sur les mêmes profils des imitations « *della foglia valenzana* » « *Genere 17* » dans une variante tardive.

Le grand nombre de plats, de coupes et de bols à « *spiral arancio* » « *genere 54* » témoigne d'un engouement particulier (Fig. 1 n°5 et fig. 6 n°9). Ils sont déclinés en multiples jeux de couleurs et avec des combinaisons sur le marli de motifs de la famille bleue et de médaillons à fond bleu graffité (Berti, 1998: 360). Un grand plat à l'oiseau bordé d'une frise de spirales graffitées sur fond bleu illustre bien l'évolution des motifs renaissances dans ces dernières décennies du XVI^e siècle (Fig. 1 n°5). Deux animaux (lapins ?) se retrouvent au centre d'une autre coupe, sur un fond bordé en bleu graffito « *genere 57* » (Fig. 6 n°12). Des bols tronconiques et une rare écuelle à oreille verte appartiennent à cette série (Fig. 6 n°8). Dans cet inventaire, deux coupes à marli portent des motifs de tambours évolués « *genere 51* » hérités du vocabulaire de

la Renaissance classique. Sur l'une, un médaillon central est orné d'oiseaux (Fig. 6 n°11). Enfin, une grande coupe campaniforme sur pied haut est recouverte sur les deux faces de larges feuilles et fruits qui manifestent le goût pour la présentation des douceurs (Fig. 7 n°1) (Berti, 1998: « *genere 59* », 370 n° 299, Type IR).

LE SERVICE DORÉ DE VALENCE ET DE BARCELONE, LE CULINAIRE CATALAN ET LE SOUVENIR D'UN SOL ÉMAILLÉ

La dernière manifestation d'ostentation est marquée par la présence discrète d'un service émaillé, rehaussé de lustre métallique. Il représente peu de choses dans ce vaisselier, soit 14 pièces, dont la production fut sans doute concurrencée à cette époque par le dynamisme des ateliers italiens. Un *albarello* à la feuille de lierre en bleu et rouge reste dans la tradition des ouvrages valenciens de la fin du XV^e et du début du XVI^e siècle (Fig. 1 n°5), tout comme des bols sur pied annulaire quadrillés et à médaillon en rosace et une coupe au décor rayonnant au lustre métallique (Fig. 7 n°3 et 4).

D'autres bols ainsi que des écuelles à oreilles moulées percées de trous pour la suspension constituent une série homogène. Leur pâte plus rouge est revêtue d'émail rosé couvrant, leurs parois épaisses reposant sur des fonds plats. Ils sont peints rapidement d'ondes, d'entrelacs, de blasons et de croisillons avec un pinceau à deux ou trois houppes appelés en catalan « *pinzell pinta* » (Fig. 7 n°5-10). Bien que cette technique soit attestée à Valence, ces ouvrages pourraient néanmoins provenir des ateliers de Barcelone installés dans la ville dès 1516. Les grandes séries de rebuts découverts en 1916 à l'extérieur des murailles en montrent tous les différents modèles comparables à ceux commercialisés à Roquevaire (Boffil, 1941). Ces vaisselles de peu de coût, produites en masse dans les deux centres hispaniques, ont pour produit d'accompagnement deux pots à une anse et un couvercle à bouton en pâte rouge vernissée venus de Catalogne (Fig. 7 n°11 et 12). Ces témoins retrouvés dans la cuisine du château corroborent les plus anciennes attestations de vaisselles culinaires catalanes identifiées dans le quartier de l'Île à Martigues dès le tout début du XVI^e siècle (Amouric, Richez, Vallauri, 1999: 72, fig. 163).

Un carreau de revêtement en faïence polychrome, brulé en surface, est le seul élément subsistant d'un extraordinaire sol émaillé qui devait orner une des pièces du château (Fig. 7 n°2). Son module est de 15 cm de côté, avec une épaisseur de 2 cm ; son bord est biseauté. La composition se structure dans un cadre polylobé, avec dans chaque angle une rosette cerclée. Au centre une fleur, dans un carré quadrilobé est cantonnée de fleurons dans les écoinçons. Cette combinaison complexe s'assemblait en tapis par des motifs d'entrecroisement en demi-rosette cerclée sur les quatre côtés. Cette précieuse relique, est connue par un seul modèle catalan daté du XVII^e siècle (Miguel, 2000, Pl. IV n°3). Néanmoins, ici, sa date d'utilisation est forcément antérieure, ce qui permet de vieillir la chronologie de ce modèle à la fin du XVI^e siècle.

1 Selon la classification de G. Berti les bols font référence à la forme Ab T.12 ; les coupes plates Ab T.5 et 7 ; les coupes à marli : Ba T.35, Bb.T.45-46 ; les coupes profondes Ac T. 22 et 23.

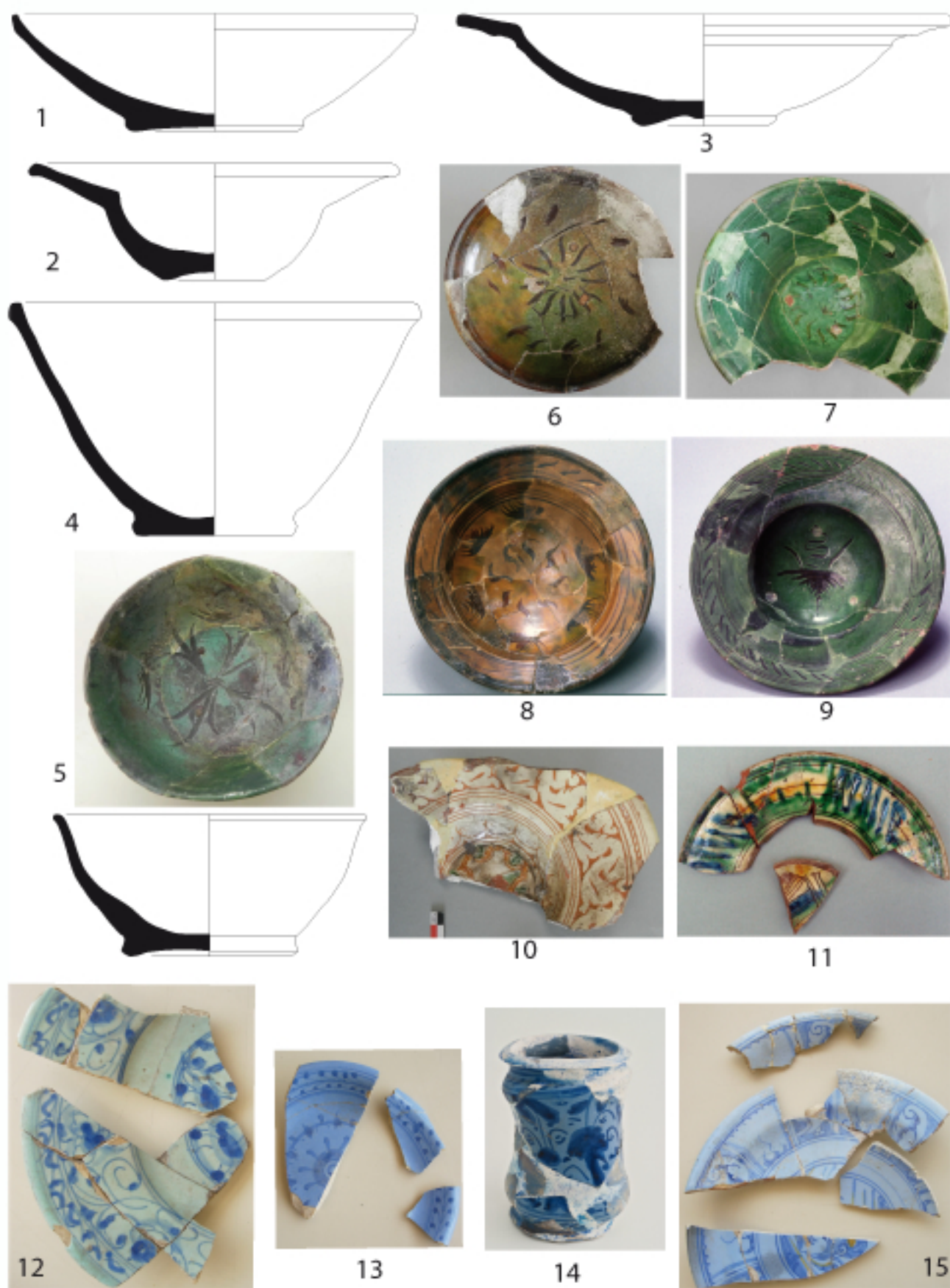


Fig.5 1-9, vaisselles pisanes ; 10 et 11, du val d'Arno et veneto-padanes ; 12-15, de Ligurie (Dessins E. Bailly, Cl. LA3M).

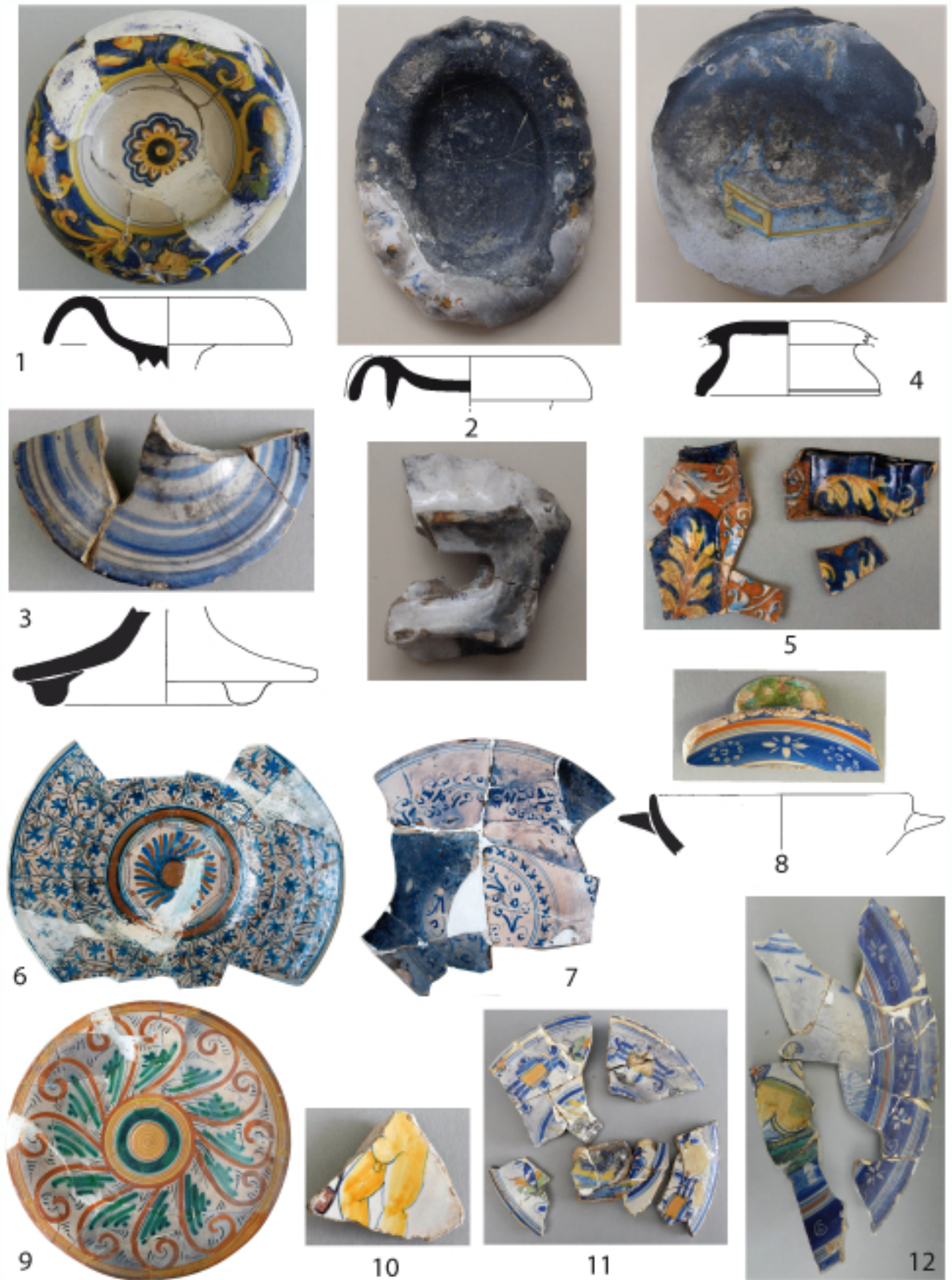


Fig.6 1-4, salières et coupe de Faenza ; 5-12, coupes et écuelle de Montelupo (Desins E. Bailly, L. Vallauri, Cl. LA3M).



Fig.7 1, coupe de Montelupo ; 2, carreau catalan ; 3-4, coupe et écuelle de Valence ; 5-10 écuelles de Barcelone ; 11-12, culinaire de Barcelone (Dessins E. Bailly, L. Vallauri, Cl. LASM).

LE RUSTIQUE, LE BAROQUE ET LE CLINQUANT OU L'IRRÉSISTIBLE ASCENSION D'UN BOURGEOIS MARSEILLAIS

L'instantané que nous offre la destruction brutale du château de Roquevaire est une très rare occurrence qui nous permet de constater la diversité fonctionnelle d'un mobilier dont l'abondance n'est pas sans surprendre, si l'on songe à tout ce qui le complétait, tant en bois qu'en métal, vil ou précieux. Elle apparaît remarquable, que l'on considère la vaisselle de table, de cuisine, de resserre, d'hygiène, d'éclairage, de jeu ou de distillation. Cette collection archéologique représente pour la Provence du XVIe siècle un observatoire unique à ce jour, qui comble une lacune importante au vu de l'absence de séries équivalentes à Marseille. Elle confirme ce que les textes, l'archéologie sous-marine et les fouilles d'atelier de Fréjus indiquent de certaines positions dominantes sur le marché régional. Elle met en lumière des productions jusque là méconnues telles que celles à décor d'engobe de l'arrière-pays marseillais, dont l'origine et la datation n'étaient pas assurées dans ce siècle et qui connurent une riche floraison tout au long du XVIIe siècle. La part faite à l'Italie, qu'il s'agisse de fabrication attrayante de milieu de gamme ou de majoliques sophistiquées confirme le basculement qui s'achève alors d'un marché longtemps aux mains des artisans ibériques, faiblement représenté, à une suprématie transalpine affirmée. Ici, dans la composition de cet *instrumentum* domestique, dialoguent l'offre et la demande d'objets fonctionnels à bas coût, fruits d'un marché réorganisé au regard des modes de transport, destinés à des pratiques de table plus individualisées et le goût nouveau d'une riche bourgeoisie en pleine ascension sociale, en recherche de marqueurs mobiliers remarquables si ce n'est ostentatoires. Les plus humbles en sont les produits de Fréjus, pratiques et non dénués d'une sobriété plaisante. Les catégories intermédiaires se partagent entre des propositions régionales baroques aux modèles importés sans que l'on sache d'où et de modestes terres vernissées pisanes aux ornements néanmoins virtuoses. Les faïences italiennes quelle qu'en soit l'origine représentent enfin la part la plus évidemment démonstrative de cet assemblage, au sein duquel se mêlent l'écho lointain de la Chine, la polychromie, et l'ornementation faussement rustique ou franchement Renaissance des grandes officines de Ligurie et de Toscane. Enfin, ce matériel dont les datations et l'usage couvrent deux décennies, pour l'essentiel, concomitamment avec des terres cuites de resserre et d'apothicairerie bien plus anciennes est une rare opportunité d'observer pour une fois, ce que nos collègues anglo-saxons nomment la « part de l'héritage ».

BIBLIOGRAPHIE

- ABEL, Véronique (2014) - Le flou du XVIe s. marseillais : de la fin du XVe s. au début du XVIIe s. In Abel, Véronique, Bouiron, Marc, Parent, Florence dir. *Fouilles à Marseille. Objets quotidiens médiévaux et modernes*. Etudes massaliètes 13, Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine 16 : éditions errance. Centre Camille Jullian. ISBN : 978-2-87772-556-9. Pp. 117-137.
- ABEL, Véronique, AMOURIC, Henri dir. (1993) - *Un goût d'Italie : céramiques et céramistes italiens en Provence du Moyen Age au XXe siècle*. Catalogue de l'exposition, Aubagne : éd. Narration, 144 p.
- ALBANES, Abbé Joseph - Hyacinthe (1881) - *Histoire de la ville de Roquevaire et de ses seigneurs au Moyen-Age*, Marseille.
- AMOURIC, Henri, RICHEZ, Florence, VALLAURI, Lucy (1999) - *Vingt mille pots sous les mers. Le commerce de la céramique en Provence et Languedoc du Xe au XIXe siècle*. Catalogue d'exposition. Musée d'Istres : Edisud, Aix-en-Provence, 197 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy (2002) - Les voies de l'engobe en Provence à la fin du XVe s. et au XVIe siècle : mutation technique ou transferts de savoir-faire? *Atti XXXIV Convegno internazionale della ceramica*. Problemi e aspetti delle produzioni ingobbiate. Origini e sviluppi, tecniche, tipologie, Savona, 2001, Firenze, pp. 37-48.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy (2005) - *Voyages et métamorphoses de la jarre*, catalogue d'exposition, Aubagne, 192 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy (2007) - Ateliers des champs, ateliers des villes, ateliers sur l'eau ? du Moyen Age à l'Epoque Moderne en Provence et Languedoc. In Garcia Porras A, Villada Paredes F. Eds. *La cerámica en entornos urbanos y rurales en el Mediterráneo medieval*, 11-13 noviembre 2004, Museo de Ceuta, Consejería de Educación, Cultura y Mujer, Ciudad Autónoma de Ceuta, pp. 45-78.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy, VAYSSETTES, Jean-Louis (2008) - *Poteries d'Eaux. Les Eaux de la Terre, du Corps et du Ciel*: Lucie éditions & Agglomération Pays d'Aubagne et de l'Etoile. ISBN 978-2-35371-030-0, 351 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy, VAYSSETTES, Jean-Louis (2009) - *Terres de feu, de lumière et de songes dans le Midi français Xe-XXe siècles* : Lucie éditions & Communauté d'Agglomération Pays d'Aubagne et de l'Etoile. ISBN 978-2-35371-065-2, 408 p.
- BELTRAN DE HEREDIA BERCERO, Julia (2010) - Génova y las importaciones de mayolica ligure en Barcelona : los testimonios arqueológicos y las fuentes documentales. In *Terre Genovesi Ceramica a Genova tra medioevo e Rinascimento. Atti della giornata di studi in memoria di Guido Farris*, Genova, p. 11-16, Lamina-1-4.
- BELTRAN DE HEREDIA BERCERO, Julia, MIRO I ALAIX, Nuria (2012) - Ceramica y comercio en Barcelona : importaciones del Mediterraneo occidental, Norte de Europa y Oriente. *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo. Venezia 2009*. Venezia : Edizioni All'Insegna del Giglio. ISBN 978-88-7814-540-5. Pp. 77-87.
- BERTI, Fausto (1998) - *Storia della ceramica di Montelupo. Uomini e fornaci in un centro di produzione dal XIV al XVIII secolo*. Volume 2., Montelupo Fiorentino : Aedo snl. ISBN 978-88-8242-095-6. 459 p.
- BERTI, Fausto (2010) - *Storia della ceramica di Montelupo*,

- Ceramiche da farmacia, pavimenti maiolicati e produzioni « minori », Volume 3, 1999, Montelupo Fiorentino : Aedo snl. ISBN 88-8242-097-3. 456 p.*
- BERTI, Graziella (1997) - Ingobbiate e graffite di area pisana fine XVI-XVII secolo. In MILANESE Marco, a cura di .- *La ceramica postmedievale in Toscana. Documenti archeologici su produzione e consumo*. All'Insegna del Giglio. Pp. 355-392.
- BERTI, Graziella (2005.) - *Pisa. Le ceramiche ingobbiate "graffite a stecca" secc. XV-XVI*, Museo Nazionale di San Matteo : All Insegna del Giglio, Recherche di Archeologia Altomedievale, 29. ISBN 88-7814-487-8. 198 p.
- BOFILL, Francesc. de. P. (1941) - Cerámica barcelonesa di reflejo metálico, *Anales y Boletín de los Museos de Arte de Barcelona*, I, pp. 53-78.
- BOJANI, Gian Carlo (1997.) - *Per una storia della ceramica di Faenza. materiali dalle muria del Portello*. Museo Internazionale delle Ceramiche in Faenza : Edit Faenza. ISBN 88-8152-043-5. Vol. 1- catalogo 171 p. vol. 2 - allegato 109 p.
- BUSQUET, Raoul, ISNARD, Emile (1951) - La maison de Cabre, *Marseille Revue municipale*, pp. 71-74.
- ERICANI, Giuliana, MARINI, Paola (1990) a cura di .- *La ceramica nel Veneto La Terraferma dal XIII al XVIII secolo*. Verona : Arnoldo Mondadori Editore. ISBN 88-04-35668-5. 534p.
- FOY, Danièle, VALLAURI, Lucy (1991) - Roquefeuille, une verrerie provençale aux XVIIe et XVIIIe siècles. In *Ateliers de verriers de l'Antiquité à la période pré-industrielle*, Actes des 4e rencontres, Rouen 89, A.F.A.V., Rouen 1991, pp. 139-152.
- GANET, Isabelle (1977) - *Le village médiéval de LasalRovaira dans la vallée de l'Huveaune et la chapelle Saint-Vincent*, Mémoire de Maîtrise dactylographié, Université d'Aix-en-Provence.
- GUIONOVA, Guergana (2015) - Le mobilier moderne de la place de la Rotonde, Aix-en-Provence. In : AUJALEU Ariane, GALIN Wilfrid, KAWALEK Emmanuelle (dir.) - Place de la Rotonde. Parcelles AL 01-47. Rapport final d'opération. Aix-en-Provence, Direction archéologique, 2015. p.
- MIGUEL, Salvador (2000) - *La rajola catalana de mostra dibuixada per Salvador Miquel*, Associacio catalana de ceràmica, Barcelona, 2000.
- NOSTRADAMUS, Caesar de (1614, réédition 1971) - *Histoire et chronique de Provence*, Lyon, Marseille : Laffite.
- PELLETIER, Jean-Pierre, VALLAURI, Lucy (2009) - Les fouilles de la Chapelle Saint-Mauront, In Fixot, Michel, Pelletier, Jean-Pierre dir. *Etudes Archéologiques et Historiques, Actes du colloque Saint-Victor, Marseille, 18-20 novembre 2004*, Bibliothèque de l'Antiquité tardive, 13, 2009, p. 125-140.
- RICCI, Marco (1985) - Maiolica di età rinascimentale e moderna. In MANACORDA Daniele a cura di . *Il giardino del Conservatorio di S. Caterina della Rosa. Archeologia urbana a Roma : il progetto della Crypta Balbi*. Firenze. All'Insegna del Giglio, pp. 303-424.
- VANNINI, Guido (1977) - *La maiolica di Montelupo : scavi di uno scarico di fornace*.